

1. Quadro de estudo

A emigração é um dos fenómenos que tem vindo a marcar a sociedade portuguesa da forma mais profunda. Conforme as épocas e as conjunturas políticas (nacional e internacional) recortam-se na história factos, situações e figuras que resultam de uma permanente interacção do interior com o exterior do país.

Constituindo um fenómeno estrutural endémico (tanto por motivos demográficos como económicos) a emigração em Portugal conhece no séc. XIX, particularmente a partir da segunda metade, características próprias bem como um maior incremento. Contribuiu para este facto um progressivo desequilíbrio e agravamento das estruturas socio-económicas da formação social portuguesa, na qual, o sector agrícola teve um papel predominante. De facto, o sector agrícola caracterizava-se a sul do Rio Tejo por uma excessiva concentração da propriedade, enquanto no norte do país se verifica a sua fragmentação, deixando por isso grande parte da população com uma pequena porção de terra, ou desprovida da mesma. Uma vez que a produção raramente conseguia satisfazer as exigências de consumo, muito menos apresentava os excedentes necessários à reprodução, do mesmo modo, o agricultor/camponês não podia fazer face às despesas sociais (que o novo Estado liberal exigia monetariamente) nem havia lugar para a realização de melhoramentos nos métodos tradicionais de produção.

Jaime Reis sintetizou (brilhantemente) o atraso económico português na análise que fez sobre o período compreendido entre a segunda metade do século XIX e a primeira década do nosso século. Depois de confrontar as três correntes ou teses utilizadas na explicação deste fracasso, diz-nos: «Uma das razões do problema residia clara-

mente na estrutura fundiária e produtiva excessivamente fragmentada numa parte importante do País. As consequências disto eram a subcapitalização, e apetrechamento técnico inadequado, a indisciplina quanto à qualidade e a resistência aos melhoramentos técnicos, justamente em zonas com as melhores possibilidades de produzir para o mercado internacional¹. A tudo isto ligava-se não só a escassez de recursos naturais como também algo que se prendia com um incipiente estágio de desenvolvimento sociocultural.

É ainda Jaime Reis quem afirma «Não sei se é correcto ou não designar a ignorância abissal que ainda oprimia a sociedade portuguesa em 1900 como um remanescente do Antigo Regime. Mas não há dúvida de que ela resultava de um século de fraco investimento no sector da educação², continuando adiante «lembre-mo-nos de que o deficiente investimento educativo em Portugal era apenas uma faceta de um baixo nível geral de investimento...»³. Finalmente, podemos então afirmar que, a maior percentagem da população activa estava ligada ao sector agrícola, auferindo baixos rendimentos, debatendo-se com a ausência de um consumo generalizado assim como lhes faltavam os recursos escassos para o investimento, a tão necessária industrialização dificilmente se implementaria.

A emigração apresentava-se pois como uma alternativa à desarticulação e degradação da estrutura fundiária a que não é estranha a progressiva penetração capitalista nos campos (forma que tomou em Portugal, numa larga medida, o processo de expropriação e nacionalização dos bens da igreja e da coroa).

No entanto, as causas do processo emigratório não podem ser só atribuídas a um sector em crise. Há que considerar também as estruturas económicas da formação social portuguesa e os projectos de política económica seguidos. As palavras de Basílio Teles vão precisamente neste sentido «As três oligarquias coalizadas, a territorial, a capitalista, e a burocrática, são quem manda neste abençoado torrao: o resto da burguesia, ou é inconsciente ou é cúmplice: e o povo é a eterna besta de carga eternamente oprimida e mal tratada»⁴.

A abordagem abreviada e superficial que apresentamos, destina-se a fornecer indicadores sobre a situação do Portugal de oitocentos, periodo durante o qual se verificou uma saída acentuada de individuos (compelidos ou motivados), procurando angariar noutras paragens «pecúlio» que as condições socio-económicas no país de origem não permitiam. Parte-se assim do principio que a maioria dos que emigraram o fizeram por motivos económicos, na tentativa de conseguir uma ocupação em que a remuneração obtida lhes pudesse assegurar uma existência condigna e, a longo prazo, o desejado regresso ao país em condições socio-económicas aceitáveis. O horizonte que principal e particularmente preencherá estes objectivos é o Brasil quer pelo seu desenvolvimento económico (que permitia a abertura de um largo mercado de trabalho), quer pelas afinidades culturais que mantinha com Portugal.

Acentua-se ainda, quanto ao Brasil, a importância do grande surto cafeeiro que descola em flecha de 1825 a 1855, atravessa uma recessão no decénio seguinte mas recupera-se rapidamente a partir de 1865, e, imediatamente a seguir, no período de 1869 a 1875 o desenvolvimento da cultura algodoeira em São Paulo (...). Graças a estes desenvolvimentos do café e do algodão, a balança comercial do Brasil, deficitária até 1861, passa aos saldos positivos a partir do ano seguinte, permitindo assim o crescimento das saídas de invisíveis com as transferências para a mãe-pátria feitas pelos imigrantes⁵, que aí tinham ocorrido em grande número, respondendo à política imigrante do Governo Brasileiro.

2. Itinerário de abordagem temática

No séc. XIX, muitos dos emigrantes que se tinham dirigido para o Brasil regressam a Portugal, a maioria através da repatriação no caso de insucesso outros para colher os benefícios do seu sucesso económico - o denominado «Brasileiro». Este tipo social virá a constituir no universo da escrita, não só no ficcionismo como também nas abordagens de carácter económico-social, o centro das referências de políticos e romancistas.

É na literatura, que as alusões ao emigrante de torna viagem são mais constantes. Maria Ioannis Benis Baganha, num texto já com alguns anos⁶, cita o exemplo de Eusébio Seabra para realçar traços mais de carácter psicológico que fisionómico: um ser semi-real, semi-fictício de que Camilo Castelo Branco se serve frequentemente.

O problema é, no entanto, mais complexo, mais vasto e, sobretudo, mais importante e determinante sociologicamente tanto ao nível do espaço social rural como no espaço social global. Qualquer destes espaços sofre modificações de tal ordem que as poderíamos dimensionar em três momentos, de forma a simplificar uma abordagem sistematizada desta questão:

- 1 - a partida - que determinou, em muitos casos, quase a morte de algumas aldeias tanto em termos demográficos como económicos;
- 2 - a interacção com o país - o envio das notícias e de remessas, com incidências sociais e económicas, de carácter cíclico na sociedade e na economia.
- 3 - o retorno - com particularidades nos campos social e cultural, não esquecendo as fortes incidências sobre a alteração da paisagem geográfica e das próprias mentalidades.

Apesar de na maioria dos casos se preocupar com um único tipo de análise da figura social do «Brasileiro» e não dar relevância precisa a todo o extenso campo de

transformações por ele operadas na sociedade, a ficção portuguesa constitui, sem dúvida, uma fonte riquíssima de pesquisa. Conjugando as informações que dela podem retirar-se com dados fornecidos por autores com outra formação conseguir-se-à, certamente, uma melhor compreensão de todo um processo de transformações psicológicas e sociais, de que ao mesmo tempo o próprio «Brasileiro» é agente e objecto.

3. Os temas em estudo: Tentativas de sistematização

3.1. - *Partida*

Sujeita a alguns dos condicionalismos já apontados, a grande massa potencialmente emigratória, particularmente a camponesa, passou a ser constantemente assediada na feira, na taberna, à saída da missa, em todos os locais, por «maravilhosas» histórias de riqueza, postas em hábil contraste com as dificuldades da vida diária. Os testemunhos de um ou de outro conterrâneo com familiares emigrados no Brasil e os daqueles que regressavam com um razoável «pecúlio» constituíam um poderoso incentivo à emigração.

Aqueles que se resolviam a partir tinham como primeira dificuldade o custo da viagem. Alguns venderam ou hipotecaram parte ou a totalidade dos seus bens; outros eram «sossegados» pelos (próprios) engajadores, que adiantavam algum dinheiro para o efeito, iniciando assim a teia de que dificilmente se libertariam, amarrando-os por largos periodos de tempo à estadia no Brasil e à realização de trabalhos muito duros.

Maria Ioannis Benis Baganha, na análise de duas publicações periódicas de Viana do Castelo – Aurora do Lima e Vianense – entre 1854 e 1875, tentando captar reflexos da emigração na imprensa local, recensou alguns «anúncios publicitários» para captação de possíveis emigrantes. Estes anúncios publicitavam embarcações ancoradas no porto de Viana do Castelo que na «próxima viagem» rumariam ao Brasil.⁷ Exemplifica-se assim não só a forma de angariar emigrantes, como se mostram os itinerários que possibilitavam a sua concretização.

Este periodo que antecede a emigração não pode pois ser estudado sem atender à situação social, económica e política do Portugal de então, como quadro envolvente e responsável pelo fenómeno.

3.2. - *Estadia*

Habitados a uma vida dura e a condições precárias no espaço geográfico e social em que se moviam, ao chegarem ao Brasil, os imigrantes deparavam-se com

uma situação que na maioria dos casos, pouco se alterava, na medida em que acabam por substituir a anterior mão-de-obra escrava (Abolida em 13/5/1888). O governo brasileiro passou a dar subsídios aos proprietários que recrutassem imigrantes, accionando ou reciclando, por sua vez, o recrutamento de mão-de-obra estrangeira no quadro de uma actividade perfeitamente organizada. Os que emigravam passavam por vezes a situações ainda piores do que as vividas na origem mas a esperança de um dia voltarem «ricos» ou pelo menos em desafogo económico fazia-os encarar a situação de emigração antes da partida e no início da estadia, como passageira e necessária para regressarem com uma vida melhor⁸.

Este espaço de tempo tem sido relativamente explorado pelos autores que fizeram o tratamento do tema⁹. O tratamento organizado de todas as formas de interacção que o emigrante português residindo no Brasil estabeleceu, directa ou indirectamente, com Portugal é de particular importância para complementar a análise em causa. É necessário procurar e estabelecer uma tipologia que contemple as formas de ligação com consequências para o país, para a região e para o local de origem e ainda as que ocorrem no âmbito das próprias relações pessoais¹⁰.

3.3 - *Regresso*

O retorno ao local de origem para os que venciam (e a nossa literatura é rica nestes permenores), assume aspectos de deslumbramento por parte dos que tinham ficado. O «Brasileiro» aparece com outro porte. Impressionados, convencem-se que o Brasil é mesmo a promissora «árvore das patacas» que assegurava o futuro de sucesso com que se sonha nas terras de origem.

O Prof. V. M. Godinho refere-nos este facto aludindo ao romance: *A Brasileira de Prazins* (1883): «Feliciano, que o comércio em Pernambuco enriquecera, volta atafalhado de moedas de ouro, a comprar quintas por quarenta mil cruzados até conventos se os houver à venda»¹¹.

A chegada de um emigrante constituía motivo de festa e regozijo da população. Os residentes, ávidos de notícias e na esperança de uma «lembrança», apressavam-se a visitá-lo. Este, longe dos sofrimentos e das condições exiguas por que passara, deslumbrava os compatriotas com paisagens paradisíacas levando-os a idealizar um mundo fácil e promissor.

4. **Como investe «O Brasileiro» (se é que investiu?)**

O que regressava mais ou menos abastado, tratava logo de construir ou melhorar a sua habitação, comprar algum terreno, bem como fazer doações de carácter social, particularmente às paróquias e igrejas locais¹². Possuindo dinheiro,

havia que conquistar uma posição social há muito ambicionada. Tornava-se negociante ou, para compensar a sua origem modesta, faz-se frequentemente e a qualquer preço, proprietário, regra geral, um dos seus objectivos principais¹³.

Uma primeira consequência é a valorização da terra que, tornada «mercadoria», só se transaciona por bom preço.

Não estaria na totalidade certa a afirmação de Ramalho Ortigao, que afirmava «o emigrado português que regressa do Brasil não vem produzir, vem descansar»¹⁴.

Seria de facto assim? Pensamos que não!

O sector agrícola, por exemplo, de onde a maioria foi compelida a emigrar, constitui um bom terreno para uma análise de tal hipótese. Estaria o emigrante, ao comprar a terra, a investir apenas na sua promoção social ou teria em vista também o seu carácter produtivo? Importa saber se o Emigrante que regressa foi um elemento motivador de alterações no campo das inovações técnicas ou um introdutor de novas relações de produção. Terá introduzido novas culturas? Incentivou a produção com vista ao mercado? Ou então, ter-se-á limitado a reproduzir o sistema tradicional de produção que caracterizava a estrutura agrária da formação social portuguesa?

No entanto, foi sobretudo no sector comercial e financeiro que a maioria destes «Brasileiros» se inseriram: bancos, estabelecimentos comerciais, seguros, armazéns de import. export., etc.¹⁵. O investimento na Indústria foi tímido e cauteloso. Neste aspecto não se afastavam da «Burguesia» ou «Burguesias tradicionais» da sociedade portuguesa de oitocentos, adaptada às escassas oportunidades económicas provenientes dos exíguos recursos naturais e da limitada dimensão da economia, característica de Estados Periféricos¹⁶.

5. As incidências sociais e culturais

Para o grande proprietário fundiário, o «Brasileiro», desencadeou um processo com duas fases distintas que se complementaríamos em seu prejuízo. A primeira teve a ver logo com a partida e estava ligada à falta de mão-de-obra e à conseqüente subida de salários¹⁷. A segunda está ligada ao regresso e consistiu nalguns casos de sucesso à progressiva sobreposição social e económica do emigrante (regressado) ao proprietário rural, que em muitos casos tinha sido mesmo seu patrão. Afinal o ruir do seu próprio poder perante o «novo rico», chegava para alterar o posicionamento e a relação social que ambos tinham ocupado e vivido anteriormente.

Exemplos reais destes factos encontram-se nas narrativas de Camilo colhendo-se nas suas novelas descrições que constituem poderosos indicadores da desagregação dos morgadios de Entre-Douro e Minho.

Para o «Brasileiro», o regresso constitui sempre um propósito implícito um fim primeiro na sua deslocação de emigrante. No entanto, o regresso à «Pátria» pôde despoletar questões sociais e problemas de natureza cultural e económica que ele não teria sido capaz de imaginar. Acentuaram-se assim tensões entre emigrantes e residentes. Uma vez retornados, os «Brasileiros» não se coadunavam com os padrões existentes. Sairam porque estavam a mais e, uma vez regressados, voltam a encontrar-se na mesma situação, se bem que por razões diferentes¹. No início, o potencial emigrante sentira-se a mais devido à escassez material em que vivia e da qual julgava não conseguir sair se permanecesse na sua terra. No regresso, o lapso de tempo necessário para grangear fortuna tornara-o num homem diferente dos que tinham ficado.

E que dizer de todos aqueles cujo retorno, por repatriação, ficaram de fora do quadro acima apontado?

Muito se tem falado dos primeiros e pouco dos segundos. No entanto, um trabalho como o que estamos a realizar, não pode deixar no esquecimento um contingente tão significativo como o dos que por uma qualquer incapacidade atribuível a um sem número de motivos não ascenderam à pequena/grande glória desta figura estereotipada da história da sociedade portuguesa.

Notas

¹ -O atraso económico português em perspectiva histórica (1860-1913)- in *Análise Social*, Vol. XX (80), 1984 - 1º, pp. 7-28.

² *Idem*. Salienta-se, segundo dados do autor, que em 1850, 90% dos suecos sabiam ler e escrever e que em 1910 existia em Portugal uma taxa de 70% de analfabetismo.

³ *Ibidem*.

⁴ Basílio Teles - *A Carestia da Vida nos campos - Cartas a um Lavrador*. Porto. Livraria Chardron, 1904.

⁵ V. M. Godinho - *Estrutura da Antiga Sociedade Portuguesa*, 2ª ed., Lisboa, Arcadia, 1975, pg. 49.

⁶ -A Emigração de 1856 a 1875 vista de Viana do Castelo- in *Revista de Historia Economica e Social*, Lisboa, nº 3, (Janeiro-Junho 1979), pp. 85-100.

⁷ *Idem*. Existe, também da nossa parte, uma recolha bastante interessante destes dados, realizada no *Diário Ilustrado* 1870 a 1875 e na *Revista Universal Lisbonense* sobre esta temática.

⁸ Existe no Fundo Documental e Iconográfico por nós constituído, na Universidade Aberta, documentação reveladora destas situações.

⁹ Ver sobretudo os relatórios dos Consules e Embaixadores no Brasil e, ainda: Oliveira Martins - *O Brasil e as Colónias e Fomento Rural e Emigração*; Ramalho Ortigão - *Farpas* tomo X; Ferreira de Castro - *Emigrantes*, entre outros.

¹⁰ Estas etapas estão ainda em fase de pesquisa devido a dificuldades na obtenção de documentação (nomeadamente a que se encontra na Sociedade de Geografia de Lisboa, que se debate com exíguos meios em face da solicitação que tem a sua biblioteca). Com efeito, esta documentação representa quicá o legado mais rico das formas associativas e da interacção que os emigrantes estabeleceram e que ainda hoje perduram tanto em Portugal como no Brasil.

¹¹ Cf. V. M. Godinho – *ob. cit.* p.52

¹² Existem neste momento no Fundo Documental e Iconográfico, já referido, informações e dados a partir dos quais estão actualmente a ser elaboradas biografias, sobre cerca de 200 indivíduos.

Dos dados já disponíveis é de salientar o forte contributo em acções de carácter filantrópico, isto é Benemerência, melhoramentos locais e equipamento social. Cf., também, Jorge Fernandes Alves, *Os Brasileiros: Emigração e Retorno no Porto Oitocentista*, Porto, (s.n.), 1994

¹³ Maria Beatriz Rocha-Trindade em comunicação apresentada no CONGRESSO EURO-BRASILEIRO SOBRE MIGRAÇÕES com o título -Refluxos Culturais da Emigração Portuguesa para o Brasil- definiu a proposito esta situação: ... ao Brasileiro nao basta já o simples reencontro com a memória doce-amarga do passado: em nome dessa memória, por generosidade ou por ostentação, distribui benesses, funda obra que permaneça em favor das crianças, ou dos pobres ou dos doentes. Torna-se assim personagem influente no circulo local, provavelmente regional, talvez ate a nivel nacional. Condecorado ou nobilitado, fará ainda chegar a sua influência ao circulo da politica ou dos Ministérios de Lisboa; falam dele os jornais e as gazetas, referem-no a propósito do palacete que contruiu, da obra que desenvolve-. p. 15.

¹⁴ Cf. *Farpas*, Tomo X, pg. 83.

¹⁵ Veja-se, por exemplo, os principais accionistas de alguns bancos, bem como sociedades e empresas ligados ao incremento Fontista das vias de comunicação. Banco Comercial e Industria – Porto; Banco de Guimaraes; Sociedade Mutuária e Parceria Pesquisadora Portuense, etc. Caminhos de Ferro: Porto – Póvoa do Varzim – Famalicao; Barreiro – Vendas Novas e Ramal de Setúbal; Ramais de Santa Comba – Viseu e Foz do Tua a Mirandela, etc..

¹⁶ Contudo há investimentos por parte destes endinheirados -Brasileiros- no sector industrial: Minas de Famalicao, Minas do Pejao, Fabrica de Ruaes, Comp. Min. e Met. do Braçal, Comp. Aurificia que ainda hoje existe no Porto, etc. É curioso também referir outras iniciativas, como por exemplo, eles são responsaveis em grande parte pela divulgação e utilização do VAPOR na industria portuguesa.

¹⁷ Cf. Basilio Teles: *ob. cit.*

¹⁸ A sua presença na sociedade portuguesa é bastante significativa. Foram Deputados, Presidentes e Vereadores Camararios, promotores de iniciativas culturais, etc. Os casos mais significativos foram no Porto – José António de Sousa Basto, conde da Trindade Presidente da Câmara entre 1852-55. Presidente foi também Francisco Pinto Bessa (Beça) sendo de notar o importante fomento na modernização da cidade do Porto que este -Brasileiro- desempenhou entre 1866 até 1878. Outros ainda podiam aqui figurar como José da Silva Figueira (Visconde de Barreiros) – procurador à Junta Geral de Distrito do Porto; António da Silva Monteiro (Conde da Silva Monteiro) – Vice-Presidente da Câmara do Porto e Director do Palácio de Cristal. Seria longa a nossa lista. No entanto num futuro próximo teremos o ensejo de divulgar a pesquisa que temos vindo a realizar neste âmbito.